

A NOVA ATITUDE FILOSÓFICA: CRÍTICA DA METAFÍSICA E ÉTICA EM GIANNI VATTIMO¹

[THE NEW PHILOSOPHICAL ATTITUDE: A CRITIQUE OF THE METAPHYSICS AND ETHICS IN GIANNI VATTIMO]

Jorge Luís de Oliveira Gomes

jorgeoliveiragomes5@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3033-6037>

É graduado em Filosofia/Licenciatura no Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - MAF/UVAG. Graduação em andamento em Ciências Sociais/Bacharelado também pela UVA. Membro Associado da Associação Brasileira de Filosofia da Religião - ABFR. Membro de Grupo de Pesquisa Filosofia da Religião - GEPHIR/CNPq.

Antônio Glaudenir Brasil Maia

glaudenir@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2772-9032>

Professor Associado do Curso de Filosofia e do Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Coordenador do Grupo de Pesquisa Filosofia da Religião – GEPHIR/CNPq. Membro do Gt Ética e Cidadania da ANPOF. Atua na área de Filosofia da Religião, Filosofia Política, Ética e Educação.

DOI: [10.25244/tf.v16i1.5447](https://doi.org/10.25244/tf.v16i1.5447)

Recebido em: 21 de março de 2023. Aprovado em: 10 de maio de 2023

¹ Este trabalho é parte integrante da pesquisa de mestrado, cujo título principal é: *A Dimensão Ético-política e a Questão da Emancipação das Minorias no Pensiero de Gianni Vattimo*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - MAF/UVA.



A atitude filosófica: crítica da metafísica e ética em Gianni Vattimo

OLIVEIRA GOMES, Jorge Luís de; MAIA, Antônio Glaudenir Brasil

Resumo: O presente trabalho discute a crítica da metafísica e a propositura de uma ética pós-metafísica à luz do pensamento de Gianni Vattimo. Pensar a sociedade de forma absoluta não é mais possível se forem consideradas as novas condições de existência humana, o quadro teórico e histórico pós-modernos a partir dos pequenos relatos, o que pode ser entendido também como a crise da razão totalitária. A própria constituição da pós-modernidade acaba nos impelindo a pensar de forma descentralizada, sem aquelas pretensões essencialistas das sociedades tradicionais, mas por uma forma pluralista que abre espaço para a aceitação do diferente, do particular. Estes fatos comuns da pós-modernidade secularizada e pós-metafísica suscitam uma grande preocupação ética que esteja para além da peremptoriedade do ser. Mas, por que é preciso pensar para além da metafísica? A metafísica como pensamento da violência e sua superação constituem a abertura para uma ética hermenêutica em Vattimo.

Palavras-chave: Metafísica. Violência. Ética. Pós-modernidade.

Abstract: The present study addresses the critique of metaphysics and the proposition of a post-metaphysical ethics in Gianni Vattimo's thought. Considering society in an absolute way is no longer possible if the new conditions of human existence are taken into account. The postmodern theoretical and historical framework based on small reports can also be understood as the crisis of totalitarian reason. The constitution of post-modernity impels us to think in a decentralized way, without the essentialist pretensions of traditional societies, and in a pluralist way to be able to accept what is different, what is particular. These common facts of secularized and post-metaphysical postmodernity raise great ethical concern that goes beyond the peremptoriness of being. But why is it necessary to think beyond metaphysics? Metaphysics as a thought of violence and its overcoming constitute the opening for a hermeneutic ethics in Vattimo.

Keywords: Metaphysics. Violence. Ethics. Postmodernity.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da crítica a metafísica como um ponto caracterizador da pós-modernidade e isso nos permite afirmar que com o fim da violência metafísica é possível uma abertura para o diálogo. A sociedade hodierna é extremamente complexa e essa complexidade nos impele a pensar as novas condições de existência humana, não obstante a pensar uma nova propositura ética que comporte os anseios do indivíduo da pós-modernidade. Contudo, pensar a ética partindo dos pressupostos metafísicos é ir contra todos os espectros da pós-modernidade.

Quais são as consequências do fim da metafísica? Como pensar uma ética que esteja livre dos meandros metafísicos? Para responder as estas questões, tomaremos como referencial teórico as reflexões do filósofo italiano Gianni Vattimo que tem sido a pedra de toque da nossa pesquisa e que melhor nos ajuda a compreender a complexidade da modernidade tardia, em outras palavras, pós-moderna.

Como ponto de partida da sua crítica à metafísica, o professor Gianni Vattimo parte do anúncio nietzschiano da morte de Deus e do heideggeriano do fim da metafísica, já que reconhece Nietzsche e de Heidegger pontos de partida de seu pensamento crítico da metafísica. A chave de leitura dessa herança aqui será a dimensão ética da *ontologia dell'attualità* de Vattimo pensada inicialmente sob duas possibilidades, as quais, segundo interpreta Maia (2017, p. 37): “[...] a primeira diz respeito a ética como dimensão da ontologia de Vattimo e sua recusa da metafísica; e, a segunda, corresponderia ao fato de se pensar uma espécie de ‘propositura’ de uma ética [pós-moderna] no interior de sua ontologia como resposta a crítica da metafísica”. Este trabalho tem por objetivo apresentar a crítica vattimiana à metafísica e à possibilidade de uma ética pós-metafísica como uma das proposituras no âmbito da filosofia contemporânea com atenção especial nas reflexões do filósofo Gianni Vattimo.

PÓS-MODERNIDADE E O FIM DA METAFÍSICA

Nas páginas iniciais de *A Condição Pós-moderna* (1988), Jean-François Lyotard diz que o projeto da modernidade não foi abandonado, tampouco esquecido, mas sim liquidado e destruído. Isso porque a ideia moderna de universalização não foi possível e na pós-modernidade essa concepção é simplesmente impensável. Vale ressaltar que a modernidade pensada de forma uniforme, fechada e fundada em princípios metafísicos trouxe consequências devastadoras para a existência humana, em especial, para perspectiva totalitárias, catastróficas, barbárie. Por isso, com a pós-modernidade se anuncia o fim da violência metafísica permitindo, portanto, pensar a verdade como abertura, concepção hermenêutica de verdade da qual Vattimo assevera que:

Na concepção hermenêutica de verdade como abertura, [...] a verdade como abertura não é um objeto cuja posse cognitiva seja atestada pela sensação de evidência, completude, integração que experimentemos num dado momento; essa integração é a mesma verdade originária, a condição do nosso ser verdadeiro do qual depende a possibilidade de enunciar juízos verdadeiros

enquanto verificadas à luz de regras de conformidade. (VATTIMO, 1994, p. 106).

A verdade metafísica é fechada, universal e violenta, segundo Vattimo (1994, p. 124) aquela que “[...] além da qual não se vai, e que cala todo perguntar, fechando o discurso”. Contudo, na pós-modernidade o fim dos metarrelatos e da crítica da metafísica essa noção de verdade se dissolve. A verdade é pura interpretação, segundo afirma Pareyson (2005, p. 51), que traz o sentido que “[...] *da verdade não existe se não interpretação e que não existe interpretação se não da verdade*”. Isso é um pressuposto hermenêutico que, na pós-modernidade, a interpretação assume um caráter plural. Com tal abertura pensar uma ética que assuma uma postura não essencialista, não violenta se coaduna com a reflexão de Vattimo. Vale ressaltar que a concepção ética de Vattimo, em *Credere di Credere* (1998), tem sua vinculação na denúncia da relação da Metafísica com a violência, a metafísica como um pensamento forte. Sobre essa relação, Vattimo afirma que,

[...] a tradição metafísica é a tradição de um pensamento ‘violento’ que ao privilegiar categorias unificadoras, soberanas, generalizantes, no culto da *arché*, manifesta uma insegurança e um *pathos* de base a que reage como excesso de defesa. Todas as categorias metafísicas (o ser e os seus atributos; a causa primeira; o homem como ‘responsável’; mas também a vontade de poder, se for lida metafisicamente como afirmação e tomada de poder sobre o mundo) são categorias violentas. (VATTIMO, 1989, 2017, pp.13-14).

Quando se analisa o mundo partindo de princípios metafísicos as conclusões obtidas serem universalistas e violentas, visto que estão fundadas em verdades fundamentalistas/totalizantes. O conceito de violência que Vattimo assume tem uma especial singularidade, diferindo-o de outros teóricos que o pensam no sentido de impedimento de algo essencial. Essa era a forma concebida pela tradição filosófica, uma acepção da essência que era dominada pela metafísica. Vattimo, por outro lado, na obra *Nichilismo ed Emancipazione* (2003, p.148), pensa a violência “[...] em termos de ‘silenciar’, interrupção do diálogo, da pergunta e da resposta. Isto que faz eminentemente o fundamento ‘último’, o qual se impõe como ulteriormente interrogável, objeto penas de contemplação do amor dos intelectuais”.

Sobre a intrínseca relação metafísica/violência, um dos problemas centrais da ontologia hermenêutica de Vattimo, pode ser considerada uma das principais questões da filosofia contemporânea, conforme afirma Maia (2017, p. 40), “[...] tem seu nascedouro no modo peremptório de se conceber metafisicamente o fundamento ‘último’ ante o qual resta apenas a atitude de dizer ‘sim’, de baixar a cabeça, de silenciar.” Pode-se, então, argumentar que a verdade como essência metafísica encerra todo o discurso, não permite o debate.

Em suma, isto que me repugna na fundação metafísica última é a peremptoriedade, a não perguntabilidade ulterior do fundamento, que comporta toda uma série de consequências de impensabilidade da existência. Estou convencido de que não existe nenhuma definição filosófica de violência a

A atitude filosófica: crítica da metafísica e ética em Gianni Vattimo

OLIVEIRA GOMES, Jorge Luís de; MAIA, Antônio Glaudenir Brasil

não ser esta: a ideia de um fundamento diante ao qual se deve apenas silenciar. (VATTIMO, 2006, p. 253).

Na linha da reflexão vattimiana, pensar a constituição humana em todas as suas esferas de existência não pode ser orientada pela ideia de fundamento, sob a perspectiva metafísica devido o teor peremptório que esta carrega, ou seja, pelo seu caráter terminante e definitivo. Em seu cerne, o fundamento carrega um grande poder silenciador, resultado da sua noção fundamentalista, essencialista e violenta. Visto que o pensamento metafísico encerra o pensamento não permitindo uma abertura dialógica, exemplo disso podemos citar o eleata Parmênides (530 a.C.- 460 a.C.) com sua doutrina do *Ser* que, segundo afirma o pré-socrático, “*o ser é e não pode não ser, o não ser não é e não pode vir a ser de modo algum*”².

Toda concepção de mundo que é essencialista/fundamentalista encerra o diálogo, mostra quão violenta pode ser a metafísica. Vattimo, seguindo a linha de pensamento de Karl Raimond Popper (1902-1994), faz uma dura crítica a toda forma fundamentalista de se pensar o mundo: o filósofo de Turim, citando Popper, considera Platão um perigoso inimigo daquilo que se convencionou a chamar de sociedade aberta³. Devido a sua concepção essencialista de mundo, segundo a qual “[...] tudo o que é real responde a uma lei que é dada como estrutura estável do ser, e também a sociedade não deve fazer outra coisa a não ser adequar-se a esta ordem essencial. Pois quem conhece a ordem essencial das coisas são os filósofos, a eles caberá o comando da sociedade”. (VATTIMO, 2016. p. 30).

Há na pós-modernidade por parte dos filósofos uma recusa quase que total da metafísica e de toda e qualquer noção de fundamento devido a violência que estes representam. É importante ressaltar que a dissolução das estruturas totalizantes, essencialistas e fundamentalistas da metafísica tiveram início com Nietzsche a partir de seu anúncio da “morte de Deus” e no século XX a metafísica teve em Heidegger mais um poderoso inimigo. Heidegger recusa a concepção objetiva, estrutural e estável do ser em nome da experiência de liberdade.

Esta recusa da metafísica expressa, na verdade, uma atitude comum a grande parte do pensamento – não apenas filosófico, mas também artístico, literário e religioso – que marcou as primeiras décadas do século XX, quando a cultura humanista começou a sentir a necessidade de se rebelar contra aquela “organização total” da sociedade que vinha se impondo com racionalização do trabalho e o triunfo da tecnologia. [...] não se pode mais pensar o ser como fundamento, e isto não apenas porque nos arriscamos a fazer com que este objetivismo seja a preparação para uma sociedade totalitária e, ao final, para um Auschwitz ou um Gulag. [...]” (VATTIMO, pp. 7-8).

²Não pretendemos aqui desenvolver com maiores aprofundamentos esta discussão sobre o ser em Parmênides, foi citado apenas a título de exemplo. Para maiores aprofundamentos Cf. PARMÊNIDES. Sobre a Natureza. In. *Os Pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. 3^a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. pp. 137-192 (Col. Os Pensadores).

³ Cf. POPPER, K. R. *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada. 1959.

A atitude filosófica: crítica da metafísica e ética em Gianni Vattimo

OLIVEIRA GOMES, Jorge Luís de; MAIA, Antônio Glaudenir Brasil

Vattimo, segundo interpreta Maia (2017, p. 40), “[...] rejeita a violência do fundamento metafísico – o tolhimento do perguntar – a favor da abertura dialógica, sendo que a passagem para a racionalidade ‘*debole*’ da hermenêutica rejeita a Metafísica por razões, como se disse, estritamente éticas” e, diz ainda que,

Do ponto de vista da própria falência do pensamento metafísico, a *ontologia nihilista* possibilita assim pensar o *debilitamento* do ser como *dissolução* das razões que justificam a *violência*. O enfraquecer da peremptoriedade do ser metafísico implica pensar a possibilidade de uma sociedade aberta, democrática, tolerante – isso representa também a tendência, acima de tudo, política do pensamento vattimiano. (MAIA, 2017, p. 40).

Pensar uma sociedade tolerante e democrática para Vattimo significa pensar a pluralidade. Segundo o autor, não dá para pensar a realidade hodierna através da peremptoriedade do ser, determinado, fechado em si mesmo, tampouco uma cultura dominante como a europeia. Em *Oltre l'interpretazione* (1994), se lê:

O interesse exclusivo pelo universal e pelas essências preparadas para aceitar que, em nome do universal, se desprezem os indivíduos, ou ainda porque, como pensa Lévinas; a pretensão de entender o ser como condição para o encontro com o singular existente abre caminho para as mesmas aberrações. [...]. Não é porque o universal conduza necessariamente à violação dos direitos do indivíduo que a metafísica deve ser superada. [...]. Ao contrário, é enquanto pensamento da presença peremptória do ser – como fundamento último diante do qual é possível apenas calar-se e, talvez, sentir admiração – que a metafísica configura-se como pensamento violento: o fundamento, se se dá na evidência, incontroversa e que não deixa mais espaço para perguntas posteriores, é como uma autoridade que cala e impõe sem “dar explicações”. (VATTIMO, 1994, pp. 30-40).

Seria ao contrário do que afirmou Nietzsche “não há fatos e nem interpretações”, mas apenas uma unívoca e verdadeira noção de verdade, verdade essa que não aceita questionamentos, encerra toda e qualquer discussão, negando toda forma de pluralismo. Neste caso, a afirmação de que o universal não encontra o particular faz todo o sentido, segundo Vattimo (1994, p. 40): “São as interpretações que não se reconhecem como tal – que, como na tradição, entender as outras interpretações apenas como enganos ou erros – essas que dão lugar à luta violenta”.

Na perspectiva vattimiana não é possível se pensar metafisicamente o contexto societário, no qual nos deparamos com um grande sincretismo social, além do processo de globalização. Esses são alguns motivos que nos impele a pensar de modo não metafísico, a renunciar ao fundamento, ou seja, nos impele a não buscar o fundamento e a essência das coisas, o resultado é, então, o pensar hermenêutico, interpretativo. Recusa-se, portanto, toda e qualquer pretensão universalizante de verdade. Em sua obra *Depois da Cristandade* (2004, pp. 22-23), Vattimo diz que,

Enquanto ela representou a crença em uma ordem ideal do mundo, em um reino de essências que vão além da realidade empírica, e enquanto permitiu o conhecimento e até a crítica dos limites desta realidade metafísica pôde perdurar. Através, porém, de uma série de acontecimentos relativos ao desenvolvimento das ciências modernas, nas quais a verdade, que antes era parte das ideias platônicas, se transformou, sempre mais, em objetividade das proposições da física, a metafísica passou a desmenti a si própria e se revelou uma crença não mais aceitável (e, portanto, tampouco eficaz), porque a ordem ideal à qual esteve sempre referida se tornou, pelo menos em linhas de máximas, a ordem real do mundo racionalizado da moderna sociedade tecnológica. [...]. A dissolução da metafísica não pode, porém, ser descrita apenas nestes termos. Não é somente uma visão do ser como objetividade que se torna inaceitável por motivos teóricos e prático-políticos.

O pensador italiano deixa claro, portanto, que a própria condição pós-moderna nos condiciona a recusar a metafísica, isso devido ao desenvolvimento não só do ponto de vista do conhecimento técnico, mas também da própria condição do homem que pode ser dito globalizado. Esse novo homem, portador de uma nova consciência, pretende inclusive dominar a natureza, fato inédito na história humana já que nas sociedades tradicionais a natureza era venerada como um ser sagrado. Os reflexos dessa intervenção são considerados como positivos quando,

[...] a organização total da sociedade, aquilo que desmente a metafísica e a torna impossível como crença em uma ordem objetiva, estável e bem fundamentada do ser é a explosão incontrolável das imagens do mundo. A especialização das linguagens científicas, a multiplicidade das culturas (não mais unificadas hierarquicamente pelo mito eurocêntrico), a fragmentação das esferas de existência e o pluralismo babélico da sociedade de fins da modernidade fizeram, de fato, com que se tornasse impensável uma ordem unitária de mundo. (VATTIMO, 2004, pp. 23-24).

Isso posto, basta-nos aceitar que é impossível de se pensar metafisicamente no contexto da sociedade pós-moderna, partindo de concepções transcendentais, absolutos e universalistas, pois estaríamos correndo o risco de cair no fundamentalismo violento da metafísica, o que resultaria em preconceitos de vários tipos e categorias como religiosos, étnico-raciais, afetivos etc. Contudo, a própria constituição da pós-modernidade acaba nos impelindo a pensar de forma descentralizada, sem aquelas pretensões essencialistas das sociedades tradicionais, mas, sim, de forma pluralista e este pluralismo abre espaço para a aceitação do diferente, do particular. Estes fatos da pós-modernidade secularizada e pós-metafísica suscitam uma grande preocupação ética que esteja para além da peremptoriedade do ser⁴. A metafísica para Vattimo precisa ser superada porque é violenta e o que justifica esse intento é uma abertura para uma ética hermenêutica.

⁴ Que não há fatos, mas somente interpretações, como ensina Nietzsche, não é por sua vez, um fato unívoco e tranquilizador, mas “somente” uma interpretação. Essa renúncia à presença confere a filosofia pós-metafísica, e

A PERSPECTIVA ÉTICA NA FILOSOFIA HERMENÊUTICA DE VATTIMO

A concepção ética de Vattimo está diretamente ligada a ideia de redução da violência metafísica, ou seja, a ética pensada de modo diferente, sem a premissa essencialista que marcou a tradição filosófica. A ética é pensada agora como uma categoria humana fundada no diálogo, no respeito e na tolerância, representando assim uma abertura para o outro, sem nenhuma dimensão metafísica. Dessa forma, afirma Maia (2017, p. 41) “[...] a *hermenêutica niilista* de Vattimo é vista como uma filosofia motivada pela intenção notadamente ética da *redução* da *violência*, por deslegitimar toda estrutura forte que sustentava, principalmente, as éticas metafísicas da tradição Ocidental.”

Na linha de pensamento da tradição, a ética é pensada como fundamento, categoria inalienável do ser humano enquanto cidadão livre e racional. O que de fato a ética é, porém, pensada de forma essencialista com princípios universalistas e ideais petrificados, equivaleria a pensar uma ética violenta. O que na pós-modernidade não é mais possível e que agora

[...] a *ética pós-metafísica* de Vattimo, portanto, tem como premissa suprema a redução a violência, princípio que deve orientar a Política, o Direito, a Religião, as relações socioculturais, possibilitando se pensar a negação da sociedade autoritária como positiva para a afirmação de uma sociedade alternativa, plural e, acima de tudo, mais democrática. (MAIA, 2017, p. 41).

Contudo, segundo Vattimo (1987), há no debate filosófico de hoje pelo menos uma convergência que é a de que não há uma fundamentação última e normativa. E essa desconstrução dos fundamentos possibilita uma abertura para o debate, para o diálogo o que exige que se pense a ética pós-moderna que, em linhas gerais, é uma ética pós-metafísica. Só é possível uma ética pós-metafísica renunciando à peremptoriedade do ser, ou seja, é a partir da desconstrução do ser como fundamento, como verdade primeira ser possível pensar uma ética dessacralizada, no âmbito mais estrito uma ética hermenêutica e interpretativa. Seguindo a reflexão de vattimiana acerca de uma ética pós-metafísica podemos afirmar que,

[...] a hermenêutica de [vocalização niilista] se converte em ação ética quando abdica da pretensão metafísica de ‘dogmatizar’ seus pressupostos [universal e peremptório], encaminhando-se na direção da existência ‘dessacralizada’ em uma atitude responsável de interpretação e não fundada em imperativos unívocos. (MAIA, 2017, p. 42).

principalmente à hermenêutica, um inevitável caráter *deietivo*. A superação da metafísica, em outras palavras, só pode acontecer como niilismo. O sentido do niilismo, porém, se não deve, por sua vez, resolver-se numa metafísica do nada – como aconteceria se imaginássemos um processo em que, no final, o ser não é, e o não ser, o nada, é – só pode ser pensado como processo indefinido de redução, de adelgaçamento, de enfraquecimento. (VATTIMO, 2018, pp. 106-107).

O quadro teórico e histórico da pós-modernidade é diferente do moderno, enquanto a modernidade pensa a totalidade como síntese, a pós-modernidade, por outro lado, pensa a partir dos pequenos relatos, o que pode ser entendido também como a crise da razão. Isso posto, não há mais a necessidade de um fundamento, ou seja, é completamente diferente do modo de pensar da tradição. Entenda-se por tradição aquela concepção segundo a qual há uma essência (Platão), há um absoluto (Hegel) e que por isso a realidade é concebida, pensada, analisada e organizada a partir da metanarrativa, de discursos fortes a exemplo podemos citar o hegelianismo, o positivismo e o historicismo marxista que pensam a totalidade como síntese da existência humana. Vattimo segue uma linha de pensamento diferente, apoiando-se, sobretudo, nas reflexões do filósofo da *Vontade de Potência* Friedrich Nietzsche e do pensador *Ser e Tempo* Martin Heidegger. Vattimo pensa a sociedade, portanto, a partir da desconstrução das grandes verdades, dos discursos totalizantes e sua análise parte do reconhecimento da crise ou mesmo do fim da metafísica.

É possível pensar a ética hermenêutica de Vattimo como continuidade, assim,

[...] A ética hermenêutica da continuidade é, ainda, o risco de colocar o sujeito da experiência dentro de uma rede de conexões que nos pareça orientada no sentido da dissolução do ser, ou seja, da redução da importância da presença. [...] é aqui e agora que a ética se expressa como imperativo da continuidade, porém, reconhecendo isto, apela-se também a um sentido específico do aqui e agora; a uma hipótese interpretativa a propósito de um sentido (da história) do ser, que se apresenta orientada para um progressivo enfraquecimento da impotência da presença. (VATTIMO, 1994, p. 50).

Falar em dissolução do ser na época pós-metafísica é falar justamente da dissolução de todo o constructo metafísico-transcendental. Vattimo, em sua crítica a metafísica, parte do anúncio nietzscheano-heideggeriano segundo o qual Deus está morto e do fim da metafísica respectivamente. A morte de Deus para Nietzsche representa, antes de tudo, o fim da verdade absoluta, que não há um fundamento definitivo, pode ser descrito também como o fim do Deus moral. Nietzsche não está, como muitos pensam, negando a existência de Deus e nem poderia fazê-lo, pois estaria propondo outra verdade universal com o mesmo peso metafísico. Da mesma forma, o fez Heidegger ao afirmar o fim a metafísica, que se negasse a metafísica estaria persistindo na ideia de que há uma verdade estrutural do real. Sobre isto assevera Vattimo (2004, p. 20-21),

Acredito que tanto o anúncio nietzscheano da morte de Deus quanto o anúncio heideggeriano [...] do fim da metafísica, possam ser tratados como maneiras genéricas de caracterizarmos a experiência do final da modernidade. [...]. O significado de anúncio nietzscheano da morte de Deus é algo que todos conhecem bem. A crença em Deus foi um fator poderoso de racionalização e disciplina que permitiu ao homem sair da selva primitiva do *bellum omnium contra omnes*, além de ter favorecido uma visão “científica” do mundo, que abriu caminho à técnica, com seus efeitos de assegurar e facilitar a existência. E é precisamente por isto que o homem “civil” de hoje não sente mais a necessidade de crer em Deus e que tal crença passou a ser vista como uma

A atitude filosófica: crítica da metafísica e ética em Gianni Vattimo

OLIVEIRA GOMES, Jorge Luís de; MAIA, Antônio Glaudenir Brasil

mentira inútil e obsoleta por parte, justamente, daqueles a quem, em nome dele, foi sempre ordenado não mentir. Esta é a razão pela qual, segundo Nietzsche, foram os fiéis que mataram Deus. [...].

Diz ainda que,

[...] O evento do “fim da metafísica” tem, no pensamento de Heidegger, o mesmo sentido da morte de Deus: aqui também é o Deus moral que é “*überwunden*”, superado, colocado de lado. O que Heidegger chama de metafísica é, na verdade, a crença em uma ordem objetiva do mundo que o pensamento deveria reconhecer para poder adequar tanto suas descrições da realidade quanto suas escolhas morais. [...]. (VATTIMO, 2004, p. 22).

A recusa da peremptoriedade do ser equivale dizer que a metafísica perde seu poder universalizador e o ser agora é pensado por Heidegger não mais como algo fixo, acabado, mas como evento, o *ser-aí*, o ser-no-mundo é o Dasein. É nesse direcionamento que segundo Vattimo (1999, p.51),

[...] a época do fim da metafísica, à qual a ética hermenêutica pretende corresponder, seja mesmo caracterizada, além da dissolução do princípio de realidade na Babel das interpretações e na fantasmagoria d mundo tecnológico, também e indissolúvelmente pela difusão dos fundamentalismo de toda espécie; não é difícil vê-los como neuróticas reivindicações de identidade e de pertencimento, que reagem à indefinida dilatação de horizontes do mundo, em sua dinâmica, traz consigo. [...].

O mundo contemporâneo em sua dinâmica é extremamente complexo, o que nos impele a buscar uma forma de analisar e interpretar tal dinâmica que, do ponto de vista vattimiano, não é mais possível pensá-lo de modo universalista. Não há mais um centro, uma verdade última, isso porque a conjuntura humano-social é plural, o mundo agora só pode ser analisado e pensado sob o ponto de vista da hermenêutica. Para Vattimo, a hermenêutica é uma teoria da interpretação que está ligada ou que é resultado da atividade da experiência humana. Disto resulta o fato de que a hermenêutica se tornou uma espécie de *koiné*, ou seja, um idioma comum no mundo contemporâneo⁵.

⁵[...] A hermenêutica, [...], é a teoria da interpretação ligada à experiência humana, o que resultou em sua transformação em idioma comum da cultura atual. Desta sentença, se percebe o objetivo central de Vattimo: o de se repensar o sentido ‘originário’ da *hermenêutica*, com base na defesa de sua *vocação nihilista*, traço fundamental da *filosofia pós-moderna*, que ele denomina de *ontologia da atualidade*. [...]. A hermenêutica não é apenas uma teoria da historicidade (dos horizontes) da verdade: é ela mesma uma verdade radicalmente histórica. Não pode pensar-se metafisicamente como descrição de uma estrutura objetiva qualquer do existir, mas só como exposição a um envio, aquele que Heidegger chama de *Ge-Schick*. (MAIA, 2017, p. 43).

A ética agora passa a ser entendida não mais como o fundamento da ação humana, mas sim como interpretação do agir humano na época do fim da metafísica, pois a postura ética na pós-modernidade não tem mais aquela pretensão originária de alcançar o fundamento último da ação humana.

[...] Ao contrário de pretender alcançar o fundamento último da existência e do agir moral, a ética deve reconhecer sua proveniência da crise da Metafísica, do fim dos imperativos morais, derivados de essências absolutas e se apresentar como interpretação da época do pluralismo cultural pós-moderno do niilismo. (MAIA, 2017, p.44).

A partir do que foi exposto e seguindo a reflexão vattimiana é possível argumentar sobre uma ética pós-metafísica somente reconhecendo a dissolução da ideia de fundamento e de essência, a partir do reconhecimento do fim da verdade última. Isso reforça a ideia de que, no contexto societário pós-moderno e pós-metafísico, não ser possível pensar racionalmente princípio e valores humanos sob viés absolutista da metafísica, seja do ponto de vista ético, moral, político religioso etc. pois inibiria todas as possibilidades da realização dos ideários democráticos.

Que consequências acarretaram a aceitação da dissolução do fundamento e o reconhecimento de uma ética pós-metafísica que não tem mais aquela pretensão de ser o fundamento último da ação humana? Em sua obra *Para além da interpretação* (1999, p. 51), Vattimo diz que

[...] O pensamento que não concebe mais como reconhecimento e aceitação de um fundamento objetivo peremptório desenvolverá um novo senso de responsabilidade, como disponibilidade e capacidade, no sentido literal, de responder aos outros de quem, enquanto não fundado sobre a eterna estrutura do ser, sabe-se “proveniente”.

Complementa ainda dizendo que “[...] reagir à dissolução do princípio de realidade com a tentativa de recuperar a identidade e pertencimentos, ao mesmo tempo tranquilizantes e punitivos, trata-se de apreender o niilismo como uma *chance* de emancipação”. (VATTIMO, 1999, pp. 51-52). Reconhecendo o fim do fundamento é equivalente ao assentir do discurso ético que leve em consideração o outro, uma ética do pertencimento e da aceitação do diferente já que, segundo o filósofo do *pensiero debole*, a ética pós-metafísica não se orienta mais por princípios primeiros, pois isso implica também no reconhecimento do fim da metafísica como norteador do pensamento sendo, portanto, uma ética não violenta.

Com o fim da fundamentação metafísica acabaram também as postulações éticas que tinham sua orientação em princípios universais e violentos, resultando assim em uma crise de sentido ético-político. Contudo, segundo Vattimo, o discurso ético impacta no não reconhecimento ou a não recorrência da transcendência, por isso é preferível um discurso que estabeleça uma leitura pós-metafísica da realidade sendo estas:

A atitude filosófica: crítica da metafísica e ética em Gianni Vattimo

OLIVEIRA GOMES, Jorge Luís de; MAIA, Antônio Glaudenir Brasil

As razões para preferir a leitura ‘pós-metafísica’ do discurso atual da ética são mais ou menos os mesmos que avançam para recomendar uma leitura pós-metafísica da modernidade e de seus êxitos atuais. São razões ‘históricas’, em muitos sentidos da palavra: valem como argumentos ‘*ad hominem*’, por isso, situados dentro da mesma situação que se propõe interpretar (como é, de resto, da natureza da interpretação); é também histórico, noutro sentido: olham a história que vivemos e estamos vivendo. Evocam, com seu desfundamento prático-teórico, o fim do colonialismo, a descoberta da existência de outras culturas, que não se deixam enquadrar em uma linha evolutiva que se concluiria com a civilização ocidental e sobre a qual elas teriam uma posição mais atrasada e primitiva. (VATTIMO, 2003, p. 74).

A impossibilidade de uma ética essencialista é o fio condutor para a abertura de uma sociedade tolerante. Sendo que o fim do colonialismo e a descoberta de novas culturas impelem o pensamento pós-moderno a aceitar/reconhecer a não-fundatividade da metafísica, portanto, o reconhecimento do pluralismo contemporâneo. Por isso, defende Maia que a

[...] Ética deve reconhecer a sua condição de *não-fundatividade* metafísica, considera-se herdeira de sua crise, da dissolução dos fundamentos, dos primeiros princípios, para reportar-se ao pluralismo cultural irreduzível, que configura o *ethos pós-moderno*. Relativismo de uma época do encontro mais frequente de culturas, histórias e tradições diversas, reflete a eticidade que garante o diálogo e a tolerância em vez da preocupação em fundar morais provisórias. (MAIA, 2017, p. 45).

Com o fim do fundamento (metafísica), a ética não tem que se preocupar com a criação de valores que por serem fundados em princípios universalistas e, por isso mesmo excludentes, que acabam se tornando provisórios, mas com a criação de valores que abranjam toda a pluralidade cultural pós-metafísica. A consequência mais visível é a concepção de uma doutrina da vivibilidade, ou seja, a aceitação do outro que, em linhas de máximas, é uma abertura social para o pluralismo e ao diálogo. A ética proposta por Vattimo é desatrelada dos padrões convencionais da tradição, sua postura ética não se identifica com a ideias de bem, de essência ou de dever.

A proposta ética vattimiana é um princípio regulativo da ação humana, não o fundamento. Vattimo propõe a abertura da ética e essa abertura permite o diálogo, é uma ética hermenêutica,

Se uma ética ‘hermenêutica’ é possível [...] ela tem a necessidade de uma *ontologia nihilista*, no sentido que se disse; a qual pode argumentar-se somente como interpretação dos eventos, leitura dos ‘sinais dos tempos’, escuta das mensagens; [...] como uma ‘*ontologia da atualidade*’, para a qual é decisivo o referenciamento a certa imagem da modernidade, do seu destino de secularização, do seu eventual ‘fim’. Mas que ‘fundar-se’ sobre esta atividade interpretativa do *acontecer* do ser, a ética hermenêutica se exercita antes de tudo

A atitude filosófica: crítica da metafísica e ética em Gianni Vattimo

OLIVEIRA GOMES, Jorge Luís de; MAIA, Antônio Glaudenir Brasil

em tal atividade; é também, antes de qualquer coisa, embora (talvez) não exclusivamente, neste sentido, uma ética da interpretação. (VATTIMO, 1989, p. 09).

A ética proposta por Vattimo é eminentemente hermenêutica-interpretativa ao passo que está livre das proposituras violentas da metafísica, ou seja, não tem a pretensão de alcançar aqueles ideais normativo-metafísicos da tradição. Contudo, é graças a redução da violência do fundamento que é possível se pensar uma ética com princípios não-metafísicos, em outras palavras, uma ética pós-metafísica. Isso permite a realização do ideário democrático já que onde há o imperativo metafísico não pode haver democracia. Pois, para Vattimo, “[...] a questão que prevalece na filosofia é sempre um bem político, uma questão de comunidade política. Por isso, política e filosofia são concebidas como duas articulações de um mesmo modo de práxis orientada à emancipação humana”. (MAIA, 2016, p. 567). Tanto a ética quanto as questões referentes à democracia só são possíveis devido a dissolução do fundamento metafísico, conseqüentemente isso abre espaço para uma nova forma de conceber a realidade que é penada agora sobre o viés da hermenêutica, ou seja, é interpretativa. Mesmo Vattimo não tendo escrito tratados sobre ética, a postura assumida pelo autor no que concerne a esta problemática está claramente assentada no que o próprio pensador chamou de *redução da violência*. Isso nos permite afirmar que a postura assumida pelo professor italiano acerca da ética é eminentemente hermenêutica só possível de ser pensada sob o ponto de vista da interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que o fim dos absolutos terrestres e da metafísica permitem pensar uma abertura para ressignificar a perspectiva da ética na pós-modernidade, uma ética pós-metafísica, que considera a dissolução do fundamento como possibilidade de uma nova propositura ética. Ainda mais que não é mais aceitável uma ética nos moldes da tradição que esteja preocupada em produzir valores do ponto de vista do ideal normativo-metafísico. Em outras palavras, Vattimo propõe uma ética hermenêutica no sentido de argumentar somente como interpretação dos sinais dos tempos. Embora não tenha escrito um tratado sobre ética, ao reconhecer e aceitar o fim da metafísica como pensamento da violência, permite pensar agora, com a sua chamada ontologia niilista, a ética do ponto de vista do princípio hermenêutico, segundo o qual não há uma verdade, mas verdades, nem uma história, mas histórias, tampouco culturas, mas sim culturas. Posto que podemos concluir que Vattimo assume o compromisso de pensar uma ética do ponto de vista interpretativo hermenêutico e partindo desse princípio uma ética da interpretação.

Se a ética não se orienta mais por princípios primeiros, a ideia de transcendência que sempre marcou a tradição ético-filosófica também se dissolve, o que implica uma nova postura ética que é assumida na pós-modernidade. Vattimo esclarece que a negação da transcendência diz respeito à negação da ética pensada com respeito às leis derivadas de essências que, por sua vez, são estruturas metafísicas, que considera ser carente de eticidade. Com isso, a perda da dimensão de transcendência na ética não deve ser encarada como catástrofe, mas vista como uma vocação da própria ética pós-metafísica, como expressão do sentido emancipativo que está presente na dissolução dos absolutos metafísicos.

REFERÊNCIAS

MAIA, A. G. B. A dimensão ética do *pensiero debole* de Gianni Vattimo: da crítica a metafísica a ética pós-metafísica. **Problemata**: R. Intern. Fil. v. 8, n. 1 2017, pp. 37-52. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/problemata/article/view/27709/17327>. Acesso em: 20/08/2019.

MAIA, A. G. B. *Pensiero debole*, democracia e comunismo: a questão política no pensamento de Gianni Vattimo. **Conjectura**: Filo. Educ., v. 21, n. 3, pp. 561-581, Caxias do Sul, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4433/pdf>. Acesso em: 20/08/2019.

PAREYSON, L. **Verdade e Interpretação**. Trad. Maria Helena Nery Garcez, Sandra Neves Abdo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PORTUGAL, A. C. Secularização, Cristianismo e Ciência: será mesmo o fim? In: MAIA, A. G. B.; OLIVEIRA, G. P. **Filosofia, Religião e Secularização**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015.

VATTIMO, G. **Não ser Deus**: uma autobiografia a quatro mãos. Tradução de Frederico Carotti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

VATTIMO, G. **Adeus a Verdade**. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

VATTIMO, G. **Depois da Cristandade**: por um cristianismo não religioso. Tradução de Cyntia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VATTIMO, G. **Etica dell'interpretazione**. Torino: Rosenberg & Sellier, 1989.

VATTIMO, G. **Nichilismo ed Emancipazione**: ética, política, diritto. Milano: Garzanti, 2003.

VATTIMO, G. **Para além da interpretação**: o significado da hermenêutica para a filosofia. Tradução de Raquel Paiva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

VATTIMO, G. **Credere di credere**. Milano: Garzanti, 1998.